

Jornal de



FREGUESIAS
DE CASTANHEIRA DE PÊRA
E COENTRAL

30 DE ABRIL DE 1983 — ANO 1 — N.º 8



PORTE PAGO

CASTANHEIRA DE PÊRA

MENSÁRIO REGIONALISTA INDEPENDENTE

Director: HERLÂNDER MACHADO

Administrador: BELARMINO H. CORREIA

Director-adjunto: ANTÓNIO JOSÉ DE MATOS

Chefe de Redacção: NIQUELINO FERNANDES

Administração e Redacção: Valinho — Castanheira de Pêra

CONCELHO DE CASTANHEIRA DE PÊRA — CONCELHO DE CASTANHEIRA DE PÊRA — CONCELHO DE CASTANHEIRA DE PÊRA — CONCELHO DE CASTANHEIRA DE PÊRA

EDITORIAL

NÃO HÁ NADA DE NOVO DEBAIXO DO SOL

Nil novi sub sole — diziam os romanos acerca das mudanças registadas no mundo. E, efectivamente, despidas as coisas das roupagens próprias de cada época, das aparências acidentais e dos traços do concreto com que se lhes reveste a essência, ficará delas, neste ou naquele tempo, um mínimo de originalidade existencial.

Não há nada de novo debaixo do sol — poderemos, assim dizer, nós próprios, seguindo a frase latina.

Propriedade individual, privada, ou propriedade social, colectiva, são soluções que hoje se debatem e que têm exemplos concretos no passado e no presente.

Capitalismo e Socialismo, são, assim, muito mais do que posições teóricas, muito mais do que ideologias modernas, para poderem ser vistas tão-só como experiências correspondentes à realidade e à própria necessidade surgida no tempo, no espaço e em agrupamentos étnicos diferenciados.

Nem sempre será o aventureirismo ou o sonho de algumas gerações que fará renascer práticas já ensaiadas, através de adaptações, ou de reajustamentos. É também — e muito especialmente — o fluir de vivências através do devir incessante da história dos homens.

Sucedem-se as dicotomias. É a lei dos contrários — também aproveitada desde os filósofos gregos, pela dialéctica — a antepor concepções e experiências com as quais se busca o desenvolvimento da sociedade, ou, melhor, a própria felicidade dos homens que a constituem.

Continua na pág. 2



QUADRO RURAL DA SERRA DA LOUSÃ DO CONSAGRADO PINTOR JOÃO REIS

GOTA—A—GOTA

Era um produto incolor. Não se assemelharia — isso não! — a água cristalina das fontes serranas. mas aquele líquido brilhava na taça de vidro bem transparente. Era mesmo quase atractivo. Parecia puro, obra acabada. talvez até um agradável licor. uma mezinha de antanho...

Depois, juntaram-lhe umas gotas alaranjadas. outras do verde ecológico e, mais à socapa, umas pitadas de branco associado ao pontifício amarelo — talvez pela zelosa mão direita de público converso que, humildemente, em aparente piedade cristã, terá escondido o ardiloso gesto à sua mão esquerda, crispada... pelos frios da serra.

Veio o soluto a colher mais cor. Nele depositaram o sumo das amoras selvagens. Depois, foi recebendo outros temperos. Virou doce. Salgado a seguir. Passou a cheirar a pimenta. Ganhou características aciduladas...

Mas a reacção química iria continuar...

Tratada por mão de mestre que, por evidente modéstia, se esconde no anonimato, a aparente zurrapa foi fermentando. definiu-se, encorpou, ganhou um cheiro acre e, entretanto, recebeu mais uns pingos de cor. Atiraram-lhe ainda mais umas pedras de sal. Dissolveram na taça novos grãos de pimenta. Nela despejaram também outras partículas de laranja e de limão. E, por fim, mais açúcar, morango e muito pimentão...

— Qual mistela?...Nada disso!
O produto ficou muito ao agrado de alguns. E, gota-a-gota, aquele líquido, cuja coloração vermelha se acentuou, vai ser bebido como néctar, perdão, como vodka, morangueiro.

Quanto à cor, assim rubra, diz-se que é do vidro da resistente taça.

PEDRO LIVRE

memórias e confidências de Miguel Trevim

ALDEIA DAS PEDRAS NEGRAS - ONTEM E HOJE

Pobre, paupérrima, em declínio... a aldeia tem conseguido sobreviver...

Graciosamente arrimada às vertentes da montanha, na grandiosa moldura das escarpas de fragedo e de mato, a povoação nasceu da Pastorícia e da Agricultura.

O amanho das terras, a criação de cabras e de porcos, a posse das galinhas do campo, a fruição do mel, de sabor a mato e, ainda, a apanha das castanhas, antes e durante o "rebusco" a subsequente transformação deste fruto, ao fumeiro, nas tradicionais castanhas piladas, tudo, tudo isso, enfim, caracterizava os primitivos tempos desta aldeia, longamente marcados por curiosa fase de Economia Doméstica, em precária auto-suficiência.

Pobre, paupérrima, a aldeia viveu séculos de fainas rotineiras, no seu isolamento serrano,

sobrevivendo, entre mil carências, na abnegação do trabalho, em esforço denodado, na resignação.

Pelo sopé de um alto cabeço, estendeu-se o casario, ligado por estreitas ruelas tortuosas, escavadas, aqui e além delimitadas pelos quelhos e pelas barrocas, os regos conduzindo a água das duas ribeiras, ali nascentes, pelo empírico labirinto de uma inteligente irrigação dos terrenos de cultivo da pequena várzea de declive suave. E nem uma leira, nem uma coirela, nem um alfobre, nem uma simples nesga de terreno deixavam de ser remexidos pela enxada, pois até sobre as fragas se despejavam cestas de terra para se aumentar a área de cultivo.

Soberbo quadro de Geografia Humana, a rede de distribuição das águas das regas constituiu a exemplar e pragmática solução comunitária das exigências agrícolas dos múltiplos minifúndios, da pulverizada propriedade rústica deste lugarejo ignoto.

Cont. na pág. 3

CONCELHO DE CASTANHEIRA DE PÊRA — CONCELHO DE CASTANHEIRA DE PÊRA — CONCELHO DE CASTANHEIRA DE PÊRA — CONCELHO DE CASTANHEIRA DE PÊRA

EDITORIAL

NÃO HÁ NADA DE NOVO DEBAIXO DO SOL

Continuação da pág. 1

Capitalismo e Socialismo não terão, sob o ponto de vista da lógica, que gerar anti-socialismo e anti-capitalismo. Sendo contrários, bem poderão aparecer numa síntese hegeliana que se proponha conciliar, sem renúncias essenciais, as posições extremas que, assim, corresponderiam à tese e à antítese da tríade de Hegel.

Mas quem poderá negar, por outro lado, a utilidade dos critérios marxistas do materialismo histórico? A análise económica ajuda, sem dúvida, à compreensão dos factos históricos.

Seja. Todavia há que não tomar a parte pelo todo.

E, nestas cogitações, em que somos levados pelo raciocínio a uma defesa das atitudes moderadas, que propendam para a aplicação, aqui e além, das reformas justas e conciliadoras que conduzam à redistribuição equilibrada dos rendimentos, estamos em crer que muito se poderá resolver, através de um intervencionismo coerente do Estado. Será um caminho a considerar juntamente com outros, com serenidade objectiva, sem as paixões que dilaceram as almas e dividem os homens.

E se cada homem deve, em termos de democracia autêntica, respeitar o próximo, o mesmo deverá verificar-se ao nível das nações, sem uma excessiva sublimação das nacionalidades, sem uma obliteração das normas morais das relações internacionais.

Afiguram-se-nos ultrapassadas as mórbidas tensões da xenofobia, pois cada vez mais — e estamos a recordar, aqui, o pensamento de António Sérgio — cada homem deverá sentir-se cidadão do mundo, sem que para isso tenha de abdicar de si próprio, quer dizer, das suas raízes históricas, da sua diversificação etnográfica, da sua personalidade de base. Aliás, sem proselitismo religioso, bastar-lhe-ia ser um bom cristão.

Sem a agressividade dos nacionalismos exacerbados, pode cada homem caminhar para a unificação do mundo, em termos de boas relações humanas e de solidariedade universal, sem renegar a sua nacionalidade, sem abdicar de si próprio como produto da interacção em que se modelou no meio social de origem.

Como defende H. G. Wells, «a unificação poderá ser produzida pelo esforço consciente» assim se gerando o «Estado Universal Federal».

E não julgamos que haja necessidade de ultrajar a limpidez de uma nacionalidade bem entendida, para podermos dizer, como aquele autor, que «a nossa verdadeira nacionalidade é a humanidade».

Todavia, H. G. Wells, reclama a nossa análise quando, tão desassombadamente, escreve que «... a multidão está atrasada mas a multidão é móvel: se pouco aprende, também esquece facilmente. Pode ser vazada em novos receptáculos e pronta-

mente tomará a forma das novas instituições. Os seus nacionalismos, as suas fidelidades, as suas hostilidades e até as suas crenças mais apaixonadamente expressas não vão além da sua pele. Todos os meios e métodos de meter ideias na cabeça dos outros, de lhes apresentar pontos de vista, de os auxiliar a ter concepções mais claras, ganharam hoje uma eficiência incomparavelmente superior a tudo o que jamais o homem tenha, no passado, pensando em conseguir na espécie. Estamos a passar além daquela primeira grosseira concepção da democracia que esperava pela massa dos votantes para iniciativa e orientação. O futuro compreendemo-lo cada vez mais claramente, prepara-se no laboratório e no gabinete e não nas ruas...» (in História Universal).

Vão longe os tempos em que o nosso grande historiador Alexandre Herculano defendia, que nenhuma educação pode ser boa se não for eminentemente racional.

Mas... para onde vamos?

Quem nos conduz?

Resta-nos ser marionetas telecomandadas pelos laboratórios e gabinetes centrais?

Não. Recusar-se-á toda a espécie de «lavagem ao cérebro» e tais experiências apenas poderão conhecer sucessos efémeros, como acontece com tudo quanto seja artificioso.

Nil novi sub sole.

(H. M.)

AS FÉRIAS NO COENTRAL

PAULO MANUEL MACHADO FERNANDES

Os Coentralenses que, em grande número, residem nos grandes centros urbanos, escolhem naturalmente o Coentral para passarem as suas férias. E o Coentral reúne todas as condições para lhes proporcionar umas óptimas férias. Por isso, as pessoas afluem cada vez mais, na altura estival do ano.

Quando se diz que o Coentral reúne condições, tem-se em mente que depois de passar um ano de trabalho e de intoxicação cidadina, todos querem paz e sossego para se poderem recompor psicologicamente e fisicamente. Lá, na serra, encontram refúgio. Embora seja este um bom motivo para os coentralenses gostarem da sua terra, há outros, que são devidos a um grande espírito de convívio formando assim quase uma família — a «Família Castanheirense». Esse convívio proporciona variadas alegrias.

Referimos particularmente a

sua Juventude, que passa a maior parte das suas férias no Coentral, encontrando divertimentos variados. Desde manhã até de madrugada, há sempre qualquer coisa para fazer e assim ocupar o tempo!

Há cerca de três anos para cá, tem-se unido à juventude de outras terras tais como Pêra e Castanheira de Pêra, para conviver mais e com mais gente.

Isto mostra-se através de partidas de futebol, festas, idas aos poços para tomar banho e muitas outras maneiras de se conquistarem amizades. Portanto os Coentralenses estendem toda a sua alegria, não só a nível da terra, mas também a todas as pessoas em geral. Assim, quando se acabam as férias, regressam com uma lágrima no canto do olho e uma grande vontade de fazer com que no próximo ano, haja mais e melhor, mostrando, assim, a grande força da JUVENTUDE.

AS ELEIÇÕES

para a ASSEMBLEIA da REPÚBLICA em 25 de Abril de 1983 no Concelho de Castanheira de Pêra

— RESULTADOS —



O VOTO

E UM DIREITO E UM DEVER CIVICO

FREGUESIA DE CASTANHEIRA DE PÊRA

MESA 1	MESA 3	MESA 5
UDP — 1	APU — 38	PSD — 121
APU — 49	PDC — 3	CDS — 16
PSD — 124	CDS — 14	PS — 284
LST — 4	UDP — 7	APU — 39
PS — 355	PS — 396	460
MRPP — 3	PSD — 109	
CDS — 24	PSR — 7	
PDC — 1	POUS — 3	
POUS — 3	577	
564		
MESA 2	MESA 4	FREGUESIA DO COENTRAL
CDS — 11	UDP — 3	PSD — 95
PCTP — 1	APU — 48	CDS — 9
PDC — 5	PSD — 149	PS — 39
APU — 32	PSR — 4	APU — 7
LST — 2	LST — 1	PDC — 2
PSR — 3	PS — 310	LST — 1
UDP — 6	MRPP — 2	153
Nulos — 17	CDS — 19	
Branco — 5	PDC — 5	
PSD — 148	POUS — 5	
PS — 349	546	
579		

COENTRAL

FALECIMENTOS

SERAFIM MARTINS

Ao fim da tarde do passado dia 3 de Abril fomos dolorosamente surpreendidos pela notícia do falecimento do nosso estimado conterrâneo e Amigo Sr Serafim Martins, que nos últimos tempos vinha passando bastante mal de saúde — circunstância que obrigara ao seu internamento nos Hospitais da Universidade de Coimbra, onde permaneceu durante mais de um mês.

Sabendo embora que a sua saúde era precária dificilmente poderíamos no entanto admitir que estivesse tão próximo o triste desenlace. E o Serafim era relativamente novo, pois contava 59 anos de idade, e tinha gosto de viver.

Nasceu no Coentral e aqui viveu os primeiros anos de ju-



ventude, cedo partindo para Lisboa, como acontecia à maioria dos rapazes do seu tempo com o fim de ganhar a vida trabalhando primeiro no comércio e depois como motorista de táxi. Mais tarde, já depois de ter constituído família, seguiu para o ultramar, fixando-se em Angola onde exerceu a sua profissão como industrial de têxtil em Luanda e ali se conservou até que a descolonização o fez regressar, lá deixando haveres que com grande esforço honestamente adquiridos tal como sucedeu a tantos outros concidadãos, conseguindo apenas trazer consigo o ca-

Cont. na Pág.

JORNAL DE CASTANHEIRA DE PÊRA

DELEGAÇÃO EM LISBOA R Palma 163-1 Esq. 1100 LISBOA

Mensário Regionalista Independente

Publica-se no último dia de cada mês

Sede, Redacção e Administração

VALINHO

APARTADO 13

3280 CASTANHEIRA DE PÊRA

Director — Herlânder Machado

Director-Adjunto — António José de Matos

Chefe de Redacção — Niquelino Fernandes

Sub-Chefe de Redacção — Amadeu de Almeida Joaquim

Administrador — Belarmino Henriques Correia

Chefe de Publicidade — Jorge Pimentel Ladeira

Colaboradores:

António Alves

António de Jesus Ramos

Gualter Alves dos Santos

Joaquim Cardoso Duarte

José Manuel Bernardo

José Manuel Machado Fernandes

Manuel José

Nogueira da Costa

Manuel Simões Coelho (Castelo)

Zilda Candeias Varandas

Jornal de Castanheira de Pêra

conta também com a colaboração especial do escritor Nuno Bermudes e dos Artistas Plásticos:

Estanislau Inocêncio

Fernando Camarinha

João Climaco Soares de Abreu

José Pádua

Correspondentes:

Camelo —

Carregal — Albino Nunes

Coentral — José Alves Barata

Fontão — Porfírio Cepas

Gestosa Cimeira — Aníbal Tavares

Moita — Rui Santos

Palheira — Adelino Marques

Pêra — Pompílio Antunes

Sapatteira — Gualter Fernandes

Sarzedas — Arlindo Silva

Troviscal — Isaltino Conceição

Vilar — Eurico Pardinha

Propriedade — Herlânder Alves Machado

Composição e Impressão:

NOVELGRÁFICA, LDA

Rua Capitão Salomão

Telef. 25299 — 3500 VISEU

ALDEIA DAS PEDRAS NEGRAS - ONTEM E HOJE

Continuação da pág. 1

Nos quelhos cimeiros da aldeia, foram erguidos, pedra a pedra, os toscos currais das cabras. Estas atarracadas construções tinham paredes de mau prumo, lousas em beirado, baixas portas, grossas traves suportando o telhado, tábuas negras dos improvisados palheiros (que, em segundo piso, serviam para guardar as folhas secas do milho). Situavam-se já em plena subida da agreste vertente serrana.

Chave das escassas comunicações com o exterior, entrada e saída da aldeia, a Portela era um dos limites do povoado. Por ali passava o rebanho de cabras, a caminho da Vergada, de Santo António da Neve e do Trevim. E também as mulas dos feirantes e os carros de bois passavam pela Portela, a caminho da Ponte Silveira, da Selada de Pêra ou do Cabeço do Pereiro.

A outra saída, por igual caminho empedrado à romana, era a da ponte do sítio do Porto, conducente às Entre-Águas — onde as duas ribeiras se juntam.

Mas que importa a toponímia?

Resta salientar, sim, que, pelos socacos da Serra, se rasgaram os "carreiros", ainda hoje assinalados pelos sulcos gravados pelo rodado dos carros de bois nas lajes e nas fragas dos trilhos da serra, aqui e acolá ladeados por "Alminhas", que, como as seculares "Almas Cimeiras", encorajavam os caminhantes. E houve tempo em que os trilhos serranos foram simultaneamente caminho dos pastores, dos almocreves e dos neveiros.

"Pobre, paupérrima", a população da aldeia soube encostar o casario à vertente serrana, para aproveitar na íntegra os terrenos cultiváveis da planície. Lá, em riba, as ruelas e os quelhos eram "atapetados" com o mato retirado dos currais que, na imundície, ia apodrecendo à chuva e ao Sol, para depois servir de esterco fertilizante nas hortas e nos milheirais.

"Pobre, paupérrima", esta gente veio a dedicar-se também a um artesanato que esteve na origem da sua pequena indústria de meias de lã — que hoje emprega cerca de 40 trabalhadores.

Primeiro, na fase artesanal, visava-se tão só o gasto da própria casa. Depois, com as rudimentares máquinas manuais, as meias de lã entraram no negócio dos feirantes. E, no Inverno, também alguns homens da aldeia partiam para Lisboa para venderem essas meias, em actividade ambulante. Deambulavam pelas ruas da capital, transportando aos ombros os atados dos pares de meias, deixando-as cair sobre as costas e sobre o peito. Eram uma figura típica na "baixa" lisboeta!

Vieram os avanços da técnica. Às máquinas manuais seguiram-se as eléctricas. — Aqui não entrou a força hidráulica — e o artesanato cedeu posição a duas unidades fabris de pequena dimensão.

O artesanato e a subsequente indústria tiveram a sua lenta e gradual evolução, enquanto, em actividade preponderante e paralela àquelas, todos os habitantes continuaram a "mourejar" nas tarefas agrícolas, na pastorícia e no aproveitamento dos baldios paroquiais de logradouro comum, onde se ia buscar o mato para os currais, as torgas para a lareira, as pedras para o casario e para os muros das tapadas.

Meio pequeno, comunidade social constituída por primos e primas, por compadres e comadres, a solidariedade, o sentido de entreatajuda, o en-

tendimento e a estima recíproca vieram a caracterizar os moradores do lugarejo. Aos laços de sangue — forte "argamassa" da decantada União desta gente — sempre andou associada a vivência dos problemas comuns e a espiritualidade da Fé Cristã.

— Encontramo-nos domingo, à Missa! ...

E a Igreja Matriz sempre foi local de encontro, prolongado pelo adro.

Nas fontes, nas regas, nas colheitas, nas esfolhadas e nas festas e romarias estreitava-se também o convívio.

*
*
*

Todas as infraestruturas... se resumiam aos baldios, às duas ribeiras, às fontes, aos velhos caminhos vicinais...

Pelas curiosas "Tabelas da Correição" — criadas por consenso pragmático dos moradores de "in illo tempore" e transmitidas de geração para geração — se distribuíam às águas das regas proporcionalmente à área dos terrenos de propriedade individual ... E coisa semelhante era o processo de designação dos pastores que deveriam levar para a serra, como gado comunitário, as cabras que cada família possuía.

Os currais e os palheiros, o forno e a lareira, o fumeiro e a salgadeira, as azenhas e as levadas completavam as infraestruturas que serviam a população local.

Nesse quadro naturalista, as fontes, os caminhos de pé posto, os casebres de pedras negras harmonizavam-se com o fraguado da serra, rodeado de urze e queiró, de giestas e moiteiras, de salgueiros e tojos.

A "patine" das lajes e das fragas musgosas reforçava a negrura da aldeia. Pedras Negras chamaram os de fora ao velho povoado, onde, efectivamente, rareavam as construções revestidas por argamassa caiada.

Pobre, paupérrima em recursos naturais, a aldeia nunca pôde oferecer aos seus filhos as desejáveis condições económicas. Por isso, vieram a bandar os mais novos ... iam para Lisboa... Emigravam para as Áfricas, para os Brasis, para as Américas... Deixavam os pais, as próprias noivas... E corriam à aventura — alguns para não mais voltar ...

— Terra que não dá pão aos seus filhos! ...

*
*
*

Tirante a época dos "Neveiros" (em que, à custa da Corte, se podiam ganhar uma moedas, no Cabeço do Pereiro — que viria a ficar mais conhecido por Santo António da Neve — a atirar a neve para os poços desse planalto, para que Sua Majestade, o Rei de Portugal, pudesse comer doces gelados), sempre foram pobres os recursos económicos da região e primárias as condições em que se desenvolveu o aproveitamento agrícola.

Por essa época (século XVIII) tinha o Coentral 45 fogos, de 300 pessoas. Hoje tem 200 moradores.

Conclui na pág. 7

A ARTE DO FERRO em varandas do Concelho

NA VILA
(Praça Visconde de Castanheira de Pêra)



JORNAL
DE CASTANHEIRA
DE PÊRA

DELEGAÇÃO EM LISBOA
R. Palma, 163 1. Esq.
1100 LISBOA

AUTOMÓVEIS

Deseja comprar, vender ou trocar o seu Automóvel ou Forqunete a gasolina ou a gasoil?

CONSULTE

AUTO PONTE DE ARROIOS, LDA.

DE MANUEL TOMAZ & FILHOS

Rua de Arroios, 152-A
Telefones 40185 e 538034
1100 LISBOA

Atelier

VOLTA DA ESTRADA

(Frente ao Posto de Gasolina SHELL)

CASTANHEIRA DE PÊRA



Residência
Av.ª S. Silvestre
Telefone 99405
LOUSÃ

REPORTAGENS DE CASAMENTOS, BAPTIZADOS, etc.
com apresentação de provas a cores horas depois
RÉVELAMOS OS SEUS ROLOS A CORES EM 24 HORAS

LEIA
ASSINE
E
DIVULGUE
O JORNAL
DE
CASTANHEIRA
DE PÊRA

LABORATÓRIO DE ANÁLISE CLÍNICAS

BIOQUILAB, LDA.

Dir. Técnica: ALDA BRANCO GAMA
Licenciada em Farmácia — Especialista

Em Castanheira de Pêra todos os dias às 9 horas na Rua João Bebiania

Telef. 4 22 86

3260 FIGUEIRÓ DOS VINHOS

Indústria e Comércio
— de Madeiras —

Telefone 036-4 54 95

SERRAÇÃO PEDROGUENSE, LDA.

Madeiras em Tosco, Aparelhadas, Tacos, Caixotaria
Lenhas e Materiais de construção
Agentes da CIMPOR, Cimentos de Portugal, EP

MÓ PEQUENA

3270 PEDRÓGÃO GRANDE

A NOSSA FILARMÓNICA NECESSITA DE, URGENTEMENTE, SER REFRESCADA E RELANÇADA PARA O FUTURO-E SÓ COM A JUVENTUDE ISSO SERÁ POSSIVEL!

— Disse a

Journal
de **CASTANHEIRA**
DE PÊRA

o Sr. Júlio Henriques Presidente da Direcção da Banda Filarmónica de Castanheira de Pêra



Entrevista conduzida por Niquelino Fernandes



SEDE da FILARMÓNICA de C. PÊRA

Fundada em 1880 pelo grande industrial, que foi o Visconde de Castanheira de Pera (António Alves Bebian) foi inicialmente composta quase apenas por operários das suas fábricas.

Completo em 1980, cem anos. Tem tido altos e baixos e presentemente podemos afirmar que vai entrar em belíssima fase de reestruturação, graças ao esforço e boa vontade dos seus executantes, como também ao dinamismo e dedicação da actual Direcção. As suas actuações, tanto no concelho como extra-Concelho, têm sido dignas das melhores referências o que para todos nós é motivo de grande satisfação.

A presidir-lhe os destinos tem hoje o sr. Júlio Henriques, homem dinâmico e amigo da sua terra que não se tem poupado a esforços sempre que disse algum bem resulte.

Desejosos de saber e informar os nossos leitores do que se passa com a banda, procurámos o seu presidente que gentilmente nos recebeu, e nos respondeu às perguntas que a seguir transcrevemos. E assim começamos.

— Desde quando é presidente da Direcção e porquê?

Desde 1976 em primeiro lugar porque fui eleito, mas fundamentalmente porque entendi que deveria dar a minha colaboração a uma colectividade centenária da minha terra.

— Durante todo este tempo da sua presidência, teve algumas dificuldades?

Quem, estando ligado a colectividades pequenas não as têm?

— Nota que a juventude Castanheirense tenha certa tendência para a música?

Sem dúvida que se nota hoje

uma maior tendência musical na nossa juventude consequência de vários factores, entre os quais o ensino. Isso porém, não corresponde a uma maior afluência de juventude às filarmónicas. Em primeiro lugar porque a vida oferece hoje outras motivações e depois porque não temos sido capazes de criar o espaço onde a juventude se sinta atraída.

— De quantos elementos se compõe presentemente a banda?

23 elementos.

— Para satisfazer os requisitos de uma banda quantos elementos julga necessário.

No mínimo cerca de 35

ta Direcção suspendeu as actividades externas da banda por este ano, admitindo apenas algumas excepções.

Vão pois iniciar-se as aulas e daqui apelo à nossa juventude para que compareça a inscrever-se.

— Tem tido amparo financeiro? Em caso afirmativo julga-o suficiente para o bom funcionamento da Banda?

Sim temos tido algum. Mas não o suficiente para fazer face aos compromissos que uma banda centenária exige. Como por exemplo: compra de instrumentos, e reparação os mesmos compras de fardas, remuneração ao regente etc. etc.

poucas as vezes que vemos lágrimas nos olhos dos mais velhos quando esta sai à rua.

— Quer dizer mais alguma coisa?

A Castanheira precisa da sua Banda, necessitamos por isso de um grande apoio e sobretudo compreensão dos pais dos Jovens que frequentarão a escola de música para que assim não surjam problemas nas aulas.

Por último queria agradecer a oportunidade que me deu ao mesmo tempo queria deixar uma mensagem de saudade dos Castanheirenses emigrados pedindo-lhes que não esqueçam a Banda porque também é sua.

AO SERVIÇO
DO
REGIONALISMO



Journal de
CASTANHEIRA DE PÊRA

felicita a
CASA DE PEDRÓGÃO
GRANDE

A Câmara Municipal não tem negado o seu apoio financeiro pois só assim foi possível a restauração da sede e a reparação de alguns instrumentos

Estou convencido que não deixará de apoiar no futuro a escola de música.

— Qual o comportamento da massa associativa e dos castanheirenses em geral perante a banda?

A Filarmónica está no coração dos Castanheirenses e todos demonstram um grande carinho pela banda, não sendo

AUTOMÓVEIS DE ALUGUER

PRAÇA VISCONDE DE CASTANHEIRA DE PÊRA

PROPRIETÁRIOS TELEFONES

ANTÓNIO REDONDO DA COSTA	Praça — 44358 Res. — 44358-E
ANTÓNIO DA SILVA CAETANO	Praça — 44241 Res. —
ISALTINO DA CONCEIÇÃO	Praça — 44492 Res. — 44371
JOSÉ ALVES HENRIQUES EIRAS	Praça — 44241 Res. —
JOSÉ DAS NEVES BERNARDO	Praça — 44241 Res. —
MANUEL ALMEIDA NEVES	Praça — 44154 Res. — 44333
MANUEL SIMÕES	Praça — 44154 Res. — 44323

SERVIÇO PERMANENTE PARA O PAÍS E ESTRANGEIRO



fábrica de meias e luvas

MANUEL ALVES BARATA, LDA.

TELEFONE 44402 — COENTRAL — 3280 CASTANHEIRA DE PÊRA

UNIDADE INDUSTRIAL
FUNDADA
EM 1920

AGÊNCIA FUNERÁRIA

CHITAS

de
Aurora da Silva
Tomás
CHITAS

Telef. 44467
SARZEDAS DO VASCO
3280 CASTANHEIRA DE PÊRA

AMÍLCAR SANDINHA

Advogado
Arganil — Lousã

Telefs.
Escrit. 99 172
Resid. 99 436

As Sextas-feiras
em Castanheira de Pêra
Telef. 44373

HAVEMOS DE CHORAR OS MORTOS

No número anterior do JORNAL DE CASTANHEIRA DE PÊRA tivemos oportunidade de salientar, a propósito de uma lápida existente no lugar de TORRAL, que «a História de Portugal foi escrita por homens como Sebastião Coelho, Trindade Amaral, que pagaram com a vida a honra de vestirem a farda do Exército Português».

Dissemos então que há que acabar com complexos. E recordarmos hoje que, já lá vão dezasseis anos, foram inauguradas as seguintes lápidas no Concelho de Castanheira de Pêra:

NO VILAR: RUA JOAQUIM MARIA LOPES

Soldado morto em defesa do Ultramar

NA PALHEIRA: RUA ILÍDIO ALEXANDRE PIRES

Soldado morto em defesa do Ultramar

Na época, o *Castanheirense*, do saudoso Ilídio Coelho, referiu-se à homenagem prestada «ao esforço português na defesa do nosso património ultramarino: descerramos duas lápidas dando o nome de dois bravos Soldados do concelho mortos em combate, sendo o de Joaquim Maria Lopes, a uma rua do Vilar, e o de Ilídio Alexandre Pires a uma rua da Palheira». (in *O Castanheirense*, de 31 de Janeiro de 1967)

NOTA — Ao acto estiveram presentes os srs. Governador Civil, o sr. Presidente da Câmara — o sempre saudoso José Francisco Dinis (Carvalheira) — e os Presidentes das Juntas de Freguesia de Castanheira de Pêra e do Coentral, tendo discursado este último em termos que foram fielmente reproduzidos pelo *Castanheirense* de então.

SANTO ANTÓNIO DA NEVE — COENTRAL



Santo António da Neve, visto pela artista australiana MERREN BRIGHT.

folhetim ► FACTOS E CONTOS DA TRADIÇÃO ORAL DA SERRA DA LOUSÃ

OS NEVEIROS

HERLÂNDER MACHADO

A NEVE E OS NEVEIROS

Entre os produtos dados espontaneamente pela Natureza, aproveitados pelo homem, figura, em Portugal, a neve da Serra da Estrela e da Serra da Lousã-Coentral. No dizer do historiador J. Lúcio de Azevedo, «O negócio dava o nome a um ofício especial, de "neveiro", exercido em 1619 por um tal Paulo Domingues, morador às Fangas da Farinha, que nesse ano contratou com a Câmara o fornecimento diário de, pelo menos, 96 arrobas, de 1 de Junho a 30 de Setembro. O interesse da Câmara pelo assunto provinha talvez da visita de Filipe II de Espanha à capital, que nesse ano se realizou, mas do nome do ofício se colige, contudo, que seria permanente».

NEVEIROS

Neveiro era o ofício dedicado ao aproveitamento da neve para refrescar bebidas e fabricar doces gelados. Parece ser muito antiga essa prática, devendo-se, porventura, aos árabes a iniciativa.

Em Portugal, o ofício dos neveiros terá conhecido o apogeu durante o século XVIII, mas há notícia da actividade dos contratadores da neve desde os princípios do século XVII. Efectivamente, a edilidade de Lisboa contratou, em 1619, com Paulo Domingues, o fornecimento diário de 96 arrobas de neve, desde 1 de Junho até 30 de Setembro. E teria sido a visita do monarca Filipe III de Espanha a causa desse interesse da Câmara de Lisboa.

Mas não só a Serra da Estrela forneceu a neve que se vendia em Lisboa. A Casa Real veio a consumir neve trazida da serra do Coentral (próximo das vilas de Castanheira de Pêra e da Lou-

sã). E também na serra da Neve, de Alenquer e Monte Junto, se fazia sentir a acção dos neveiros.

Este ofício manter-se-ia por largos anos — com épocas de abundância e crises — havendo dele notícias relativas a períodos sucessivos que atingem e até ultrapassam os meados do século XIX.

Em rápido apontamento, salientaremos os seguintes factos: — Em 1623, era neveiro da Câmara de Lisboa o italiano Marco António Cacilano. Em 1671 esse ofício estava a cargo de António Correia. Em 1683, era neveiro um tal Nicolau Vaz. Em 1699, o contratador da neve era o italiano João Baptista Rossati. Em 1717, foi Eugénio da Cunha o neveiro da Casa Real, mas, então, era outro — o sargento-mor Manuel de Abreu Henriques — o contratador da neve.

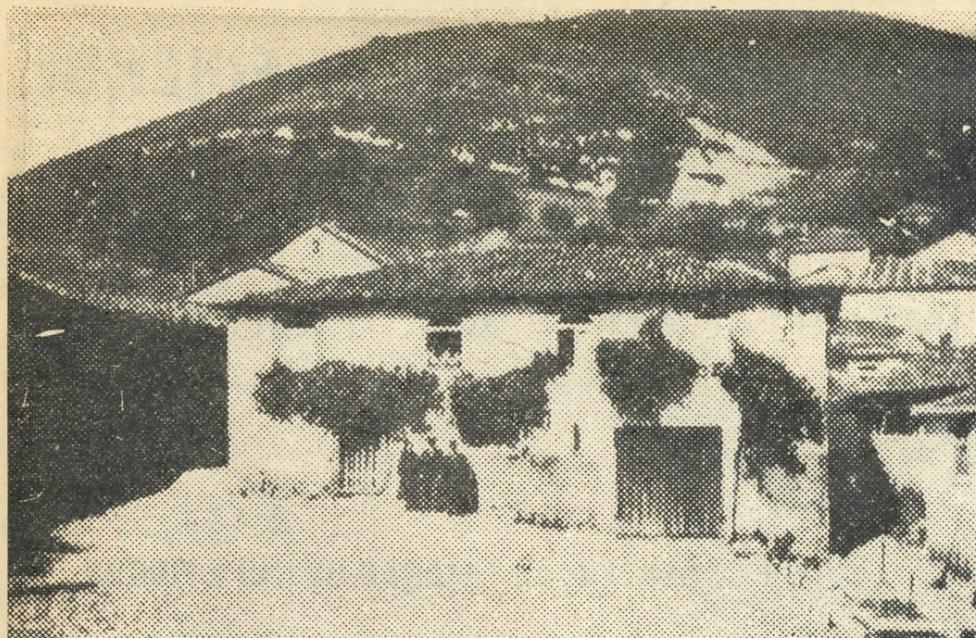
A neve era disputada! E Lisboa assistiu ao conflito de interesses entre fornecedor do Paço

e o neveiro das lojas da cidade.

Em 1724, era António de Almeida Lebrão o detentor do privilégio de fornecer a neve à Casa Real. Em 1733 e 1753 foram, respectivamente, contratadores da neve um tal Marcos Álvares da Costa e uma francesa cujo nome era Catarina Picart. Contemporâneo desta era o neveiro Julião Pereira de Castro, de quem nos ocuparemos, em especial, nesta crónica.

Entretanto cumpre dizer que os gelados da corte eram feitos com neve da serra da Lousã-Coentral, mas nem sempre os neveiros conseguiram satisfazer as necessidades do consumo chegando a importar-se neve de Espanha, enquanto, no alto das serranias portuguesas se orava para que nevasse, pois a recolha da neve se tornara ganha-pão para alguns dos pobres serranos.

Ainda existem, quase intactos, três dos sete poços construídos na serra do Coentral, mais concretamente no Cabeço do Pereira, hoje preferentemente conhecido por Santo António da Neve. São também localizáveis as ruínas dos poços desmoronados. E no vasto planalto, situado a 1200 metros (altitude que está bem próxima da que é atingida pelo monte do Trevim que, bem perto dali, constitui o ponto mais elevado de toda a serra da Lousã) conserva-se, ainda, uma modesta mas encantadora capela, dedicada a Santo António. E,



COENTRAL — A casa do Neveiro Julião Pereira de Castro (construída em 1775).

na sua fachada simples, destacam-se o escudo com a coroa real e duas lápidas com inscrições ainda bem legíveis.

Alude uma das inscrições ao destino das esmolas que ali deixasse o caminhante — para benficiações e conservação do templo.

A segunda lápida tem a inscrição que passamos a transcrever, depois de actualizada a grafia e de eliminadas as abreviaturas: ESTA CAPELA DO GLORIOSO SANTO ANTÓNIO DE LISBOA A MANDOU FAZER JULIÃO PEREIRA DE CASTRO REPOSTEIRO DO NOSO REINO DA CÂMARA DE SUA MAJESTADE E NEVEIRO DE SUA REAL CASA EM TERRA SUA ANO DE 1786.

Considerada a distância e recordadas as dificuldades de transporte nessa época, bem se podem imaginar os trabalhos e can-

seiras exigidos ao pessoal neveiro para, através de montes, vales e rios, fazer chegar às ucharias reais e aos botequins de Lisboa a neve da serra do Coentral.

Actualmente, é quase desconhecida a história dos neveiros. E embora os poços e a capela de Santo António da Neve já tenham aparecido, há anos, nos ecrãs da televisão, nem por isso foi então divulgada essa história pois o filme apenas foi apresentado como intermissão, sem palavras, com fundo musical...

Os poços da neve tinham uma profundidade superior a uma dezena de metros. Exibem, ainda, o aspecto tosco das suas construções circulares e octogonais, cobertas por cúpulas abobadadas — tudo edificado com pedra negra, da região, e uma só porta, estreita, constituía o acesso.

Utilizando escadas de mão, de

madeira, os homens descia fundo desses poços e, à medida que neles ia sendo despejada a neve, calcavam-na com pedras e com madeiras — com os calceteiros de hoje.

Empedernida, isolada entre paredes alisadas pelo estufo coberta com palha, a neve servava-se nesses amplos reservatórios até ao Verão, sem uma réstea de sol lhe poder chegar.

Eram as mulheres e os garçons das aldeias vizinhas contratados à jorna, para acarretar a neve para os poços.

Durante a maior rispidez da invernia, afadigava-se o mulheiro e a garotada das redondezas a recolha do alvo lençol, caído do vasto planalto de Santo António da Neve — quantas vezes, a neve se diz, só depois de muitas vezes. E, para reforçar a porta,

Cont. na p.

folhetim ► FACTOS E CONTOS DA TRADIÇÃO ORAL DA SERRA DA LOUSÃ

conclusão da pág. 5

ção, as enxadas tinham rasgado brevemente largos tabuleiros — is alagoas da tradição popular, onde a água ficava empoçada e acabava por se transformar em gelo.

Ainda hoje se podem localizar algumas alagoas, por entre ousas e urzes, mas a maior parte delas desapareceu quando, em 1971, foi ali construída uma pista para aviões. Quando chegava o Verão, a neve era cortada aos pedaços e vinha, em grandes blocos, para Lisboa, envolvida em palha, fetos, serapilheira, ou, até, metida em caixotes. E, pelos ortuosos carreiros da serra, o transporte era feito em carros de bois. E desses grandes blocos de gelo — três ou quatro em cada carro de bois — muito se perdia pelo caminho.

Ao transporte terrestre — assistido por protecções legais, como as que obrigavam os povos dos múltiplos lugarejos encontrados pelo caminho a substituírem ou a repararem rapidamente as carroças danificadas e as que facilitavam a passagem nas portagens — seguia-se o transporte fluvial, a partir da Barquinha ou de Constança.

Em Lisboa, a neve era vendida, à volta de 1780, no botequim da arcada do Terreiro do Paço, onde hoje se situa o café "Martinho da Arcada". Este foi sucessivamente conhecido por

"Casa da Neve", "Casa do Café Italiana", "Café do Comércio" e "Café Martinho" (nome do seu possuidor Martinho Rodrigues, que era, em 1810, contratador da neve do Coentral).

Esta casa tinha, então, um depósito de neve na Travessa da Parreirinha (próximo do teatro de S. Carlos).

Entretanto, outros estabelecimentos de Lisboa se tinham dedicado ao negócio da neve.

Segundo a "Gazeta de Lisboa", vendia-se neve, em 1792, no botequim da "Casa da Ópera" da Rua dos Condes e, em 1793, também esse produto natural se vendia no Largo do Rato, na loja de José Rodrigues Ferreira.

Já no século XIX, há várias alusões às lojas que vendiam neve, sorvetes e demais doces gelados... Em S. Roque, vendeu neve o botequim do Tavares. No Rossio, eram servidos gelados na loja de bebidas da "Madre de Deus". E outros cafés e botequins, como o "Marrara", o "Minerva das Sete Portas", o "Toscano", o "Nicola" e o "Grego" vendiam neve — uns desde o dia 1.º de Maio, outros desde o dia do Corpo de Deus, como se pode ver nos anúncios que já publicavam na imprensa.

Mas não só nos doces e nas bebidas era utilizada neve. Também os doentes beneficiavam de tratamentos feitos com gelo. Por isso em 1699 o neveiro João Baptista Rossati (um italiano) se

propôs obter a concessão do privilégio para o fornecimento da neve a Lisboa obrigando-se também, a abastecer o Hospital de Todos os Santos.

Para a história dos "Neveiros Reais" e dos poços da neve do planalto de "Santo António da Neve" (também designado por "Cabeço do Pereiro"), da Serra da Lousã-Coentral, têm inegável interesse dois documentos divulgados, em 1936, pelo professor Virgílio Correia, da Faculdade de Letras de Coimbra.

Datado de 1759, o mais antigo desses documentos dispõe o seguinte: «Eu el-rei faço saber a vós, Sebastião José de Carvalho e Melo, conde de Oeiras, do meu conselho, secretário do Estado dos Negócios do Reino e que servis de meu mordomo mor, que Julião Pereira, neveiro da minha casa me representou que eu lhe fizera mercê do dito ofício por alvará de 23 de Junho de 1757, sem moradia nem ordenado, obrigação de dar a neve que fosse necessária todo o ano para a minha casa o preço de 40 reis o arratel, em qualquer parte onde ele estivesse, como também à mais família dela pelo mesmo preço para o que poderia tomar as carruagens bestas e barcos, e tudo o mais que lhe fosse necessário para a condução da dita neve, a que se lhe não poria dúvida nem embargo algum, antes lhe teria dado todo o favor e ajuda que ele pedisse. E porquanto

as justiças lhe duvidavam estes privilégios ao dito ofício concedidos, sem os quais não poderia, na forma das suas obrigações prontamente exercitar, me pediu lhos reformasse: ao que entendendo: hei por bem e mando a todos os oficiais de Justiça, Guerra ou Fazenda guardem e façam guardar ao dito Julião Pereira, neveiro da minha casa todas as regalias, privilégios e isenções que concedi ao dito ofício, dando-lhe todo o favor e ajuda que ele pedir para o transporte da neve; e que com as pessoas que trouxer na sua condução não atendam, constando porém quais são, por certidão do seu mordomo mor...

Lisboa, 3 de Novembro de 1759 / Rei. Conde de Oeiras. Alvará de reformação de privilégios que V. Magestade manda se guardem a Julião Pereira, neveiro de Sua Real Casa, na forma que acima se contém e foi servido conceder-lhes com o dito ofício».

Dez anos depois, ainda era "neveiro real" Julião Pereira de Castro, residente no Coentral Grande (onde ainda se conserva a sua casa — outrora a mais solarenga desta aldeia — apesar de muito adulterada na sua traça, por marcas do tempo e da incúria e também pelo mau gosto dos sucessivos proprietários).

O segundo documento é de 1769. Embora de âmbito regio-

nal, limitado à zona serrana onde se situava a "real fábrica da neve", é uma peça histórica digna de transcrição. Por isso a reproduzimos aqui:

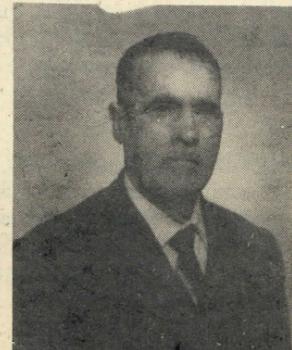
«Nomeio a Simão Duarte e José Duarte, do lugar dos Poboraes, termo de Coés, para irem ajuntar neve à Real fábrica que se acha no Cabeço do Pereiro, serra da Lousã, e para esses avisarem os mais do lugar do Coentral para acudir a ajuntá-la, por ficarem os ditos à vista da serra e verem quando cai a dita neve como também para irem ver a medida que não haja algum prejuízo na dita fábrica causado pelos pastores ou pessoas que passem, que não quebrem telhas dos telhados ou outro qualquer prejuízo para logo que suceda se prover de remédio e para o que lhe concedo todos os meus poderes

que neste alvará que são concedidos para Sua Magestade, para que em meu nome possam requerer a todos os Ministros, Oficiais de Justiça e Guerra ou Fazenda, tudo o que preciso fôr para a boa conservação da neve da dita fábrica.

Coentral, 29 de Janeiro de 1769
Julião Pereira.»

No dizer do prof. Virgílio Ferreira, os "Poços da Neve" merecem pela sua construção e rapidez de ser considerados edifício de interesse público ou, aproveitando a designação proposta por João José Paulo Pereira, no Congresso/VI Congresso Beirão (1936) incluídos no património comum.

Herlander Machado



— SARNADAS —

COMPLETOU

80 ANOS

EM 24 DE MARÇO DE 1983

DOMINGOS PAULO

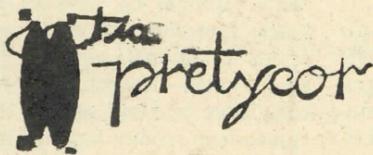
PARABÉNS

FIANDEIRA CASTANHEIRENSE INDÚSTRIA TÊXTIL, LDA.

IMPORTAÇÃO ● EXPORTAÇÃO

FÁBRICA DE PENTEAÇÃO E FIAÇÃO DE LÃS E FIBRAS

EQUIPADA COM OS MAIS MODERNOS MAQUINISMOS



TELEFONES 4 41 01 e 4 44 79 ● TELEX 14686 FISCAL P

3280 CASTANHEIRA DE PÊRA (PORTUGAL)

LEIA O JORNAL DA SUA TERRA

VENDE-SE

— EM CASTANHEIRA DE PÊRA NO RESTAURANTE CHOPP-AVENIDA

— NO COENTRAL GRANDE NO BOTEQUIM DOS NEVEIROS

— EM LISBOA NA TABACARIA MÓNACO ROSSIO 21

NA CASA DA COMARCA DE FIGUEIRÓ DOS VINHOS

Largo do Intendente, 45

DELEGAÇÃO EM LISBOA R. Palma, 163-1 Esq. 1100 LISBOA

MÓVEIS COSTA

A MAIOR ORGANIZAÇÃO NO GÉNERO DO CONCELHO E DA COMARCA

MOBILIÁRIO MODERNO E DE ESTILO ● ESTOFOS ● ALCATIFAS ● TELAS ● FRIGORÍFICOS ● T. V. ● MÁQUINAS DE LAVAR

ARMAZÉM N.º 1 - MOREDOS SEDE E ARMAZÉM N.º 2 AVENIDA DE S. DOMINGOS (FRENTE AO HOSPITAL)

UM GERENTE

José da Silva Costa

TELEFONE 44152 3280 CASTANHEIRA DE PÊRA

Pinto & Brás, Lda.

EMPREITEIROS DE OBRAS PÚBLICAS

Máquinas para Terraplanagens
Fornecedores de Materiais de Construção

Telef. 92452

BARRACÃO — LEIRIA

ALDEIA DAS PEDRAS NEGRAS

Conclusão da pág. 3

A muitos restou emigrar...

E, ganhando dinheiro lá fora, obedeceram ao seu amor pela terra dos Pais e dos Avós. Restauraram casas arruinadas, construíram habitações mais dignas, melhoraram o nível de vida dos seus familiares.

Radicados em Lisboa, ou na "Estranja", chamaram a si outros membros dessa comunidade de primos e primas. Deu-se a debandada... Só iam ficando os mais velhos...

Arranjado um "pé de meia", saudosos da terra natal, muitos voltaram triunfantes...

— Não. Em terra de emigrantes não restou o desemprego! Não há desemprego na freguesia! ... Mas esta é pobre, paupérrima!

E se há agora — apenas habitadas no Verão — "confortáveis vivendas" que "bem assentariam, por exemplo, num bairro fino de Cascais ou na Avenida do Aeroporto ... e dentro das quais se presume beber-se do bom escocês..." isso só acontece por reflexo das migrações internas e externas. Ganha-se fora da terra o que, por bairrismo salutar, lá se aplica.

Quanto à Pastorícia ... Já não há rebanho! Quanto à Agricultura ... Estão de relva múltiplos terrenos! E na área de cultivo constroem-se casas-caixotes ... para passar férias.

*

*

*

Falámos de uma aldeia do concelho. Falar dela — uma ou muitas vezes — é falar do Concelho a que ela pertence.

Desde que se faça a localização geográfica e administrativa (Distrito de Leiria, Comarca de Figueiró dos Vinhos, Concelho de Castanheira de Pêra, Serra da Lousã) ... falar do Troviscal, de Vacalouros, do Torgal ou do Coentral... é aludir ao próprio concelho. E este, como é consabido, não é tão somente a Vila.

Quanto à Aldeia das Pedras Negras, a que orgulhosamente nos referimos neste escrito, resta-nos esclarecer que ela se chama Coentral, mas, como é evidente, o que dela dissemos também se aplica a outros lugares do Norte do Distrito — ao Pisão de Baixo e ao Pisão de Cima, por exemplo...

Pedras Negras do Coentral Grande,

30 de Abril de 1983

HERLÄNDER MACHADO

(SPORT CASTANHEIRA DE PÊRA E BENFICA)



A EQUIPA DE FUTEBOL

DE pé: Esq. f/D — Domingos Nunes, Vinhas, Vitor Domingues, Fernando José, Tito, Eduardo, Mosca, Vasquito e Zeca. De joelhos, f/Esq: — Zé António, Carlos Tomás, Zé Domingos, Carlos Redondo e Vitor Silves.

RECTIFICAÇÃO

No último número, na entrevista com o Presidente do Sport Castanheira de Pêra e Benfica, saiu no lapso, em vez de MINI AUTOCARRO DA CÂMARA a expressão MAU AUTOCARRO DA CÂMARA. Pelo lapso, apresentamos desculpas.

COENTRAL

Cont. da Pág. 2

que era a sua ferramenta de trabalho.

De novo em Portugal empreendeu todas as diligências no sentido de lhe ser concedida transferência do alvará de táxi que possuía para poder grangear os meios necessários à sua subsistência e à de sua família, o que conseguiu após longa espera e denodados esforços, sendo-lhe atribuída praça em Montargil. Ali trabalhou até que o seu estado de saúde, caracterizado principalmente por uma acentuada deficiência de visão, o obrigou a desfazer-se do alvará e da viatura, fixando então residência no Coentral, com sua esposa, onde a morte agora o surpreendeu.

O extinto deixa viúva a sra. D. Maria Preciosa de Jesus Martins; era filho do sr. Adelino Martins e de D. Marcolina dos Santos Martins, já falecidos irmão do sr. Augusto Martins, empregado no comércio em Lisboa, casado com a sra. D. Silvina Martins, e da sra. D. Aurora Martins Gingeira, casada com o Sr. José Rufino Duarte Gingeira, industrial de cerâmica em Ovar.

O funeral do saudoso Serafim Martins teve lugar no dia seguinte para o Cemitério Paroquial desta freguesia com grande acompanhamento, prova de quanto o extinto era estimado.

À família enlutada expressamos os nossos mais sentidos pêsames.

ANÍBAL BENTO



No dia 7 de Abril ocorreu em Lisboa, onde residia, o falecimento do também nosso conterrâneo e dedicado Amigo Sr. Aníbal Bento, comerciante naquela praça, que nos últimos meses vinha passando bastante mal, acometido de doença que não perdôa, a despeito dos melhores esforços médicos para o salvar.

O extinto contava 72 anos de idade. Era filho do Sr. Manuel Bento e D. Joaquina Maria Bento, naturais do Coentral, e já falecidos; casado com a Sra. D. Lucinda Henriques Simões Bento, também natural desta freguesia, e Pai do conhecido médico cirurgião e nosso particular amigo Sr. Dr. Rui Simões Bento, casado com a médica Sra. D. Maria Luiza Ferro Simões Bento e era irmão do também nosso conterrâneo e dedicado amigo Sr. Manuel dos Santos Bento, proprietário e residente na capital, e dos Srs. Artur e Arlindo Bento, já falecidos e cunhado das Sras. D. Helena Henriques Serrano Bento, Joaquina Bento e Maria Luiza Gomes Costa Bento.

Espírito empreendedor e activo estabeleceu-se com seus irmãos no Poço do Borratém em Lisboa, onde exerceram durante bastantes anos a sua actividade.

Mais tarde, transformaram o negócio, estabelecendo ali um armazém de malhas cuja denominação (Coentral-Lis) constitui uma homenagem à terra que os viu nascer e do qual o falecido fazia parte ainda.

Pessoa geralmente estimado a sua morte foi muito sentido constituindo o seu funeral, que teve lugar no dia seguinte para o cemitério do Coentral, uma profunda manifestação de pesar.

A toda a família de luto em especial a seu filho Sr. D. Rui Bento, transmitimos o abraço de sentidas condolências.

A.

FALTA DE ESPAÇO

Vários artigos tiveram de ser excluídos deste número de 8 páginas.

Pedimos desculpa pelo facto aos Leitores e aos Colaboradores. No próximo número esperamos poder publicar os seguintes artigos:

- Que horizontes? - de Fernando Costa
- Rallye de Portugal - de Luís Tomás
- Poema lembrando o que deve ser lembrado - de Zilda Candeias Varandas.
- FRINEVE — Bela Lição de Regionalismo - por António Alves Henriques
- Visita às Obras dos Paços do Concelho de Castanheira de Pêra.
- A Família e a Escola
- Vário Noticiário, etc.

Francisco António Lopes Ribeiro

Eng.º Técnico Civil (I. S. E. C.)

● EMPREITEIRO DE OBRAS PÚBLICAS E CONSTRUÇÃO CIVIL

● EXECUÇÃO DE PROJECTOS: MORADIAS, BLOCOS HABITACIONAIS, REDES DE ÁGUAS E ESGOTOS, CÁLCULOS DE BETÃO ARMADO, ARRUAMENTOS.

● LEVANTAMENTOS TOPOGRÁFICOS: ELABORAÇÃO, MEDIÇÕES, MARCAÇÕES, PICTAGEM.

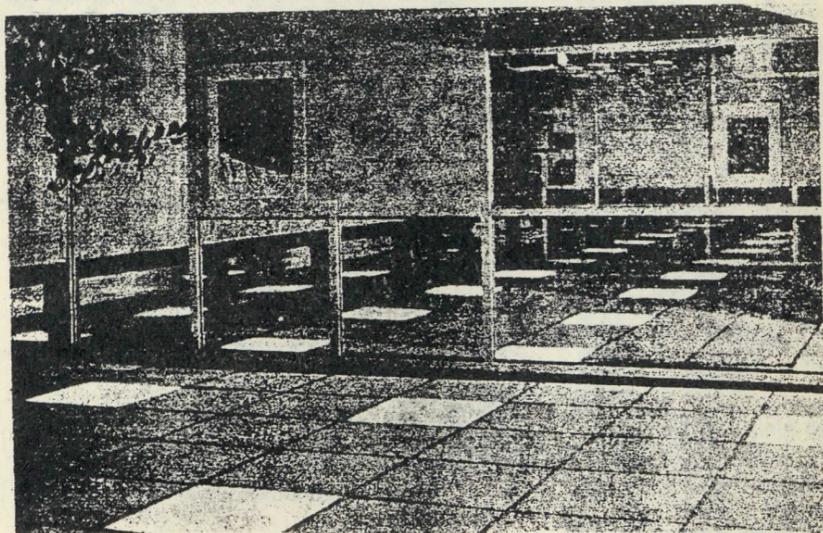
Largo Camilo Castelo Branco, 13, 1.º

Telef. 2 29 77

2400 LEIRIA



COMÉRCIO E INDÚSTRIA DE CONSTRUÇÃO CIVIL E ALUMÍNIOS, LDA.



- DIVISÓRIAS AMOVÍVEIS
- TECTOS FALSOS
- PAV. FALSOS
- BIOMBOS
- MARQUISES
- PORTAS DE FOLE
- REVESTIMENTOS

A TÉCNICA DO ALUMÍNIO NO MOMENTO EUROPEU TRANSFORMAMOS ALUMÍNIO PARA QUALQUER FINALIDADE E PARA TODOS OS PONTOS DO PAÍS

ESCRITÓRIO: RUA MAESTRO PEDRO FREITAS BRANCO, 23-25 TELEF. 66 92 65-60 91 30 1200 LISBOA
INST. FABR.: RUA CAMPO DE OURIQUE, N.º 75 — LOJA 14 TELEF. 65 76 69-68 73 95 1200 LISBOA

Paisagem do QUOTIDIANO

NUNO BERMUDES

(ILUSTRAÇÃO DE JOSÉ PÁDUA)



A TONTINHA

Eu a passar por ali todos os dias, já lá iam uns dois anos bem puxados, e a não dar por isso — a não perceber que a rapariga, invariavelmente debruçada à janela daquela antiga casa, era tontinha, que no vivo florir do seu sorriso o Mundo que a cercava nada lhe dizia.

Bonita, de grandes olhos cor de mel, o cabelo a cair-lhe sobre os ombros, como afluentes dispersos de um negro regato repartido, seguia-me com a vista, desde que eu surgia à esquina da rua, me aproximava e desaparecia, depois, na outra esquina.

E, assim, dois anos se arrastaram, comigo a tentar ignorar os grandes olhos cor de mel e o sorriso esculpido na pedra morena do seu rosto.

— Tão novinha... — pensava, com a melancolia do homem que, nem muito perto da mocidade nem muito longe dela ainda, aceita e rejeita, simultaneamente, os imprevistos da simpatia súbita de uma jovem adolescente.

Mas não deixava de passar por lá.

Que a minha adormecida e já um tanto ou quanto desiludida vaidade masculina como que entreabria as pálpebras sonolentas e bocejava, contente como um gato ao sol, quando o olhar da moça me envolvia e parecia acariciar-me durante o minuto e meio do trajecto de uma esquina à outra.

E, de repente, nunca mais apareceu.

Um dia, em vez do seu olhar, demorado e quente, reflectiu-se no meu o brilho frio dos vidros de uma janela fechada.

Alguém me disse:

— Coitada, era tontinha! Uns tios levaram-na para a aldeia, lá para Trás-os-Montes...

Retirada da moldura a imagem que, durante dois longos anos, povoara a minha imaginação de perguntas e respostas, de sonhos e frustrações, de certezas e equívocos, permaneci fiel, contudo, àquela rua, agora morta, como se esperasse vê-la repentinamente ressuscitar, com o regresso inesperado do rosto risonho da tontinha ausente ao caixilho da janela.

E, hoje, quinze anos decorridos, neste febril alvoroço de se renovar o perfil de uma cidade, já nem sequer existe aquela antiga casa.

Nem nunca mais ouvi falar da rapariguinha tonta.

O que não impede, porém, que eu saiba que, seja onde for que ela se encontre, com seus grandes olhos cor de mel, com seu cabelo a cair-lhe sobre os ombros, como afluentes dispersos de um negro regato repartido, sobrevive ainda, apesar de tudo, o sorriso esculpido na pedra morena do seu rosto.

UM POEMA A PROPÓSITO DA PÁSCOA

...Meditando sobre a última ceia de Jesus perguntamo-nos:

porquê daquela cena e daquelas palavras:

«Amai-vos uns aos outros»

A verdade é que o poema aqui deixado adivinha dois mil anos de cerimónia derradeira, ainda hoje amarga, no seu dissabor constante

Milhão Porto

Os filhos dos homens que não te deram abrigo... que te cuspiram no rosto... que te empurraram aos pontapés... Os filhos daqueles homens que nunca te compreenderam, porque Tu não lhes convinhas... Os filhos dos homens que te espancaram... que te negaram três vezes... que te pregaram na cruz... também agora me acusam de eu não pagar imposto a César... de não atirar pedras à mulher adúltera... de conversar com a Samaritana... e de fazer parábolas em verso no sétimo dia da semana...

Pois não leio os evangelhos que as suas conveniências escreveram na casa de Pilatos e de Judas... Não sei escorçar os cães famintos, donos do mundo também... Quem excomungou os filhos do trabalho, aqueles teus amigos, que, em Belém, te deram agasalho, quando todas as portas se fecharam...

Se eu me curvasse submisso a todas as barrigas fartas... Se beijasse todas as mãos onde fulguram anéis... Se eu não soubesse que o mundo foi criado sem paredes... Se as pombas fossem abutres, e se eu não visse a pólvora o pão que se roubou a muitas bocas...

Se em vez de sátiras cheias, compusessem hinos fingidos... Se as minhas epopeias divinizasse bandidos...

Talvez não me acusassem de eu ser eu...

De ler em teu Evangelho aberto a todos os olhos, as orações de todos os mundos... que eu venho dos mundos todos na direcção de onde venho... que eu não sei onde começo nem saberei onde acabo... mas sinto em horas futuras que sou irmão do universo, porque as outras criaturas, não são filhas do diabo...

É deste meu credo — em Verso — desta mentira-verdade, que me te acusa de novo essa mesma humanidade que na cruz te pôs um dia e ao outro dia fez sermões ao povo...

depois de te beijar... ressuscitou logo no mesmo dia... É meu amigo... mora à minha beira... E já me quis também crucificar...

O CENTENÁRIO DAS "ALMINHAS" DO CANTINHO, NO COENTRAL

Na sequência da notícia que o nosso jornal publicou em 31-3-83, informamos:

No próximo dia 8-6-1983, será celebrada às 11,30m, missa por intenção das Almas do Purgatório, com locução alusiva à efeméride, seguida de procissão até ao «Cantinho», onde se procederá à benção das referidas Alminhas.

Estas foram totalmente restauradas, quer no nicho e painel, quer na zona envolvente, embora com absoluto respeito pela traça primitiva e demais características tradicionais.

A iniciativa foi custeada pelos Coentralenses, Joaquim Alves Barata e Dr. Herlânder Alves Machado.



Os pedreiros Abílio e Ilídio trabalham zelosamente na restauração das centenárias «Alminhas».

Jornal
de **CASTANHEIRA**
DE PÊRA

VENDE-SE NO

**RESTAURANTE
SNACK-BAR**

Chopp-Avenida

DE ANTÓNIO HENRIQUÊS COSTA

(Aberto das 8 às 2 H)

Avenida de S. Domingos Telef. 44349
3280 CASTANHEIRA DE PÊRA